

## OS DEFEITOS E AS BELEZAS DE JORGE AMADO: A CRÍTICA LITERÁRIA COMO GESTO POLÍTICO

Wanessa Regina Paiva da SILVA<sup>1</sup>

Thiago Gonçalves SOUZA<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta algumas reflexões acerca da relação entre apreciação estética, valoração artística e a vida política, tendo como objeto as considerações da crítica literária publicadas nos anos de 1940 sobre a obra de Jorge Amado e a posição política dos periódicos que as veicularam.

**Palavras-chave:** Jorge Amado; Crítica literária; Literatura e Política; *Arte Literatura*; revista *Literatura*

### 1. Introdução

151

Eduardo de Assis Duarte identifica na recepção crítica da obra de Jorge Amado uma tendência à polarização em torno de uma “crítica dos defeitos” e de uma “crítica das belezas”, a qual, porém, acaba por eximir-se de fornecer uma visão global e compreensiva da obra do romancista. Segundo o estudioso:

A crítica brasileira, salvo raras exceções, poucas vezes dedicou-se a uma leitura do romance amadiano que levasse em conta a natureza de seu projeto ou as convenções adotadas para sua concretização. Marcadas pelas balizas estéticas do modernismo, dedicou-se em grande parte ora a uma *crítica dos defeitos*, ora a uma *crítica das belezas*, para ficarmos com as expressões de Agripino Grieco. No primeiro caso, buscando ressaltar tão-somente as fragilidades; no segundo, apenas os méritos, e, em ambos, não conseguiu uma compreensão mais profunda e global desses escritos. (DUARTE, 1996, p. 32)

Este artigo não tem a pretensão de apresentar uma interpretação, “profunda e global”, da obra de Jorge Amado, como o faz tão competentemente Duarte em seu

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Integrante do Grupo de pesquisa. Integrante do Grupo de Pesquisa GEHIL (Grupo de Estudo em História Literária) coordenado pela Profa. Dra. Germana Sales (UFPA).

<sup>2</sup> Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará.



*Romance em tempo de utopia*. Pretendemos debruçar-nos, isto sim, sobre a crítica da obra, utilizando-nos da polarização identificada por Duarte, mas ligando as avaliações estéticas dicotômicas a seus fundamentos políticos e ideológicos. Para tal, enfocaremos os textos *Crise no romance brasileiro*, de Wilson Martins, e *Três romances*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicados, respectivamente, em 1947 e 1948, no suplemento literário *Arte Literatura* do jornal belenense *Folha do Norte*, e o texto *Os escritores e a resistência*, de Dalcídio Jurandir, publicado também em 1947, na revista *Literatura*, do Rio de Janeiro, mostrando como os juízos estéticos acerca da produção do romancista baiano se ligam ao contexto político e ideológico de que participam os críticos e os suportes que veiculam suas observações.

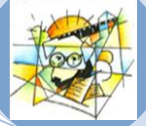
Ao identificarmos as orientações políticas dos dois veículos com os quais trabalharemos e, desse modo, explicitarmos a significação social do juízo de valor estético, retomamos a materialidade desses juízos, lembrando a afirmação de Roger Chartier, de que “Deve-se levar em conta, também, que a leitura é sempre uma prática encarnada em gestos, em espaços, em hábitos.” (CHARTIER, 1994, p. 13), o que nos mostra que o espaço e os hábitos dos agentes que estão envolvidos na produção e circulação do impressos permeiam a leitura, contribuindo para a construção do seu sentido.

152

## **2. Os defeitos e as belezas: a avaliação crítica de Jorge Amado e o jogo da política**

Jorge Amado se tornaria um dos elementos centrais acerca da discussão sobre literatura e engajamento político ainda nos primeiros anos da década de 30, principalmente quando do lançamento de seu segundo romance, *Cacau*, em 1933, e, com ele, a intensificação do debate em torno do romance proletário:

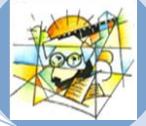
O romance de Pagu, *Parque Industrial*, publicado em janeiro de 1933, apesar de trazer na capa a inscrição “romance proletário”, não chamou muito a atenção e, portanto, não foi capaz de provocar um debate maior. Seria de fato *Cacau* o romance a fazer isso, e o estopim foi a pequena e logo famosa nota com que Jorge Amado abriu o volume: “Tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia. Será um romance proletário?” (BUENO, 2006, p. 160)



A pergunta feita por Amado em seu prefácio deu azo a uma grande comoção nos meios da crítica literária dos anos 30, a qual se intensificou com a presença de outros romances lançados naquele mesmo momento, tais como *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade (com um prefácio igualmente famoso e polêmico, por conta das declarações políticas de seu autor), e *Os Corumbas*, de Amando Fontes. No entanto, mais que nos termos precisos da discussão então encetada sobre a pertinência do romance proletário no Brasil, é preciso atentar no clima geral que a englobava: o tratamento da questão literária sob o prisma do debate ideológico, pois, como afirma Luís Bueno: “[...] o que interessa por enquanto é o fato de que, metidos até o pescoço no debate ideológico, os intelectuais brasileiros naquele momento viam a literatura pela ótica da luta política e fechavam os olhos para aquilo que não dizia respeito a ela.” (BUENO, 2006, p. 172).

Torna-se interessante acentuar essa característica da crítica literária de 30 porque, ainda no final da década e no decorrer da seguinte, o que se observa, pelo menos em determinada parcela dos críticos, é um crescente esforço em dissociar o exercício da crítica literária da participação no debate político.

Essa postura já pode ser entrevista na avaliação que Lúcia Miguel Pereira faz de *Jubiabá*, de 1935, publicada no mesmo ano de lançamento da obra, no *Boletim de Ariel*. Para a escritora, Jorge Amado alcançaria neste romance a altura da verdadeira arte justamente ao superar, ainda que involuntariamente, a intenção de fazer da obra um instrumento da luta política: “Afinal, Jorge Amado [...] nos deu um romance de verdade. Um romance onde a classe não absorveu a humanidade, onde o homem, trabalhando numa estiva ou num escritório [...] é sempre um homem, e não um operário ou um patrão.” (PEREIRA, 2005, p. 141); mais adiante, Lúcia Miguel Pereira explicita a transcendência da obra, a despeito do próprio autor: “[...] uma vez ou outra [...] Jorge Amado tenta dirigir suas criaturas, lembra-se de que foram feitas para lhe ilustrarem as ideias. Mas elas rompem o círculo em que as procura por, e vivem plenamente.” (PEREIRA, 2005, p. 141). A crítica literária dos anos 40, aproximando-se do interesse mais “humano” e “universalista” já presente na perspectiva da escritora, rompe, todavia, com qualquer “crítica das belezas”, mesmo daquelas que surjam à revelia das intenções partidárias do autor. Wilson Martins e Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo, resolvem-se pela crua “crítica dos defeitos” da obra do romancista baiano.



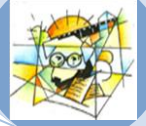
Wilson Martins, em *Crise no romance brasileiro*, publicado em 1947, no *Arte Literatura*, e no qual reflete sobre o futuro do gênero na literatura nacional, deixa claro um clima de animosidade ao se referir a Jorge Amado e suas obras. Ao mencionar o nome do autor baiano entre os romancistas que já não mantinham uma produção regular – o que, para o crítico, seria um sinal de exaustão do modelo estabelecido pela geração da década passada, os romancistas de 30 – não deixa passar a oportunidade de alfinetar o que seria o sectarismo e as limitações da “arte literária” de Amado:

O caso de um Jorge Amado, oferecendo-nos continuamente o espetáculo de sua decadência literária, seja por se ter em definitivo deixado empolgar pela política partidária, seja (o que reputo mais provável) por ser rapidamente esgotado as suas reservas de originalidade criadora, me parece ser dos mais expressivos (MARTINS, 1947, p. 1).

Wilson Martins é categórico ao afirmar que Jorge Amado se encontraria em plena decadência, a qual, de acordo com ele, poderia estar ligada a duas razões. A primeira seria o envolvimento efetivo do escritor nos assuntos de ordem política, em detrimento de sua atividade literária. A segunda razão estaria na ausência de recursos literários do autor, os quais, sendo poucos, teriam se exaurido nas antigas produções. Assim, apesar de, na argumentação de Martins, a participação partidária e a insuficiência artística e literária não se articularem enquanto causa uma da outra, está implícita na sua afirmação que o empenho na causa partidária implica a perda do valor artístico. O depoimento de Sérgio Buarque de Holanda, por seu turno, não hesita em ligar as duas instâncias, deixando clara a relação inversamente proporcional entre intencionalidade política e mérito literário.

No artigo *Três romances*, de 1948, dedicado à releitura da obra de Rachel de Queiroz a partir da reedição dos três primeiros romances da autora cearense, *O Quinze*, *João Miguel* e *Caminho de Pedras*, Holanda caracteriza a obra de Amado como a maior realização da literatura de 30. Mas especifiquemos o que o então crítico entende por “literatura de 30”, para que não tenhamos uma ideia totalmente equivocada dos caminhos pelos quais o crítico conduz sua avaliação, os quais, em verdade, passam longe do elogio à obra de Jorge Amado.

A invectiva de Sergio Buarque contra a literatura produzida na década de 30 se dá nos seguintes termos:



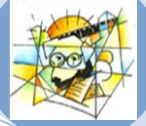
Por mais de uma ocasião ocorreu-me denunciar o apego quase sistemático desses autores e determinados temas, cenários, ou problemas, que prometendo efeitos brilhantes e coloridos, triunfam com facilidade sobre virtudes literárias mais ponderáveis. Seduzindo à maneira de uma reportagem feliz, muitos desses romances nos deixam insatisfeitos. E que, embora excitantes para a imaginação, faltam-lhes justamente as qualidades severas e exigentes que se apuram num tirocínio atento e muitas vezes penoso. Por estranho mal entendido, a atitude, no fundo aristocrática, de tais escritores, pois que renega a monotonia de esforço lento, bom para artesãos e proletários, em favor de uma natural e desordenada vocação, que os eleva à altura de príncipes do espírito e privilegiados da sensibilidade, alia-se, entre nós, constantemente, a doutrinas igualitárias, de sabor quase ascético. (HOLANDA, 1948)

Uma literatura fácil, que preza pelo apego a temas e efeitos que visam problemáticas imediatas, mas que descarta do labor artístico. Essa crítica formal ao romance social de 30 alia-se a uma crítica engenhosa a seu fundo ideológico: o descuido formal e a aparente espontaneidade reforçariam, no nível da elaboração da obra artística, um culto ao gênio criador, ao indivíduo, portanto, contrariando o discurso da coletividade que se constrói pelo esforço coletivo, pelo trabalho prolongado e atencioso. Desse modo, prevaleceria uma tendência anarquista-sentimental sobre as aspirações igualitárias das doutrinas socialistas que, em teoria, seriam o substrato dos romancistas sociais da década passada. Jorge Amado seria, segundo a avaliação severa de Sérgio Buarque de Holanda, o ápice dessas contradições: querendo fazer-se em um discurso que enaltece o proletário, acaba sagrando a imagem do “malandro”, tipo individualista oposto ao labor e à organização coletiva.

155

Nada mais característico, a esse respeito, do que a coloração furiosamente romântica e individual de quase toda a nossa literatura de inclinações socialistas. Só assim se explica, com efeito, como o anarquismo sentimental de Jorge Amado para fornecer matéria prima para obras que se presumem inspiradas naquelas doutrinas. O que enaltece e canoniza essas obras não é, certamente, o operário vítima da opressão burguesa e capitalista, mas ao contrário o vagabundo sem lei nem patrão, rebelde pela própria natureza, rixento (embora de bom coração), desordeiro, macumbeiro, grande amigo do mulherio, de sambar e não trabalhar. (HOLANDA, 1948)

Tal caracterização do romance social de 30, e da obra de Jorge Amado como seu ponto culminante, funciona no texto de Holanda para dizer o que as obras de Graciliano



Ramos e de Rachel de Queiroz, esta o objeto da apreciação de Sergio Buarque, não são, apesar de ambos os autores estarem tradicionalmente ligados à geração de Amado. “Os traços que parecem distinguir a maioria delas [as produções de 30] não se encontram, por exemplo, e sobretudo, nos livros de Graciliano Ramos. E não se encontram nos de Raquel de Queiroz.” (HOLANDA, 1948). Jorge Amado, na leitura do crítico, é um grande modelo negativo, que definiria, por contraste, as qualidades de um grande romancista: enquanto que Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos teriam atingido a representação profunda de problemáticas humanas universais, Jorge Amado teria perecido como romancista ao imiscuir e submeter sua arte às demandas partidárias e ao elogio de um determinado tipo heroico.

Tratemos agora de um crítico que ilustra a tendência da “crítica das belezas”. Dalcídio Jurandir, camarada de Jorge Amado na militância pelo PCB e intelectual de intensa produção junto aos periódicos de orientação comunista, consagraria muitas linhas ao escritor baiano no decorrer de sua atividade como periodista. Em 1947, no entanto, o romancista paraense publica uma crônica na revista *Literatura*, intitulada *Notícias do centenário de Castro Alves*, na qual faz, além de um paralelo entre o romancista e o poeta, referência às obras de Jorge Amado que têm Castro Alves como objeto principal: o *ABC de Castro Alves* e a peça *O Amor de Castro Alves*<sup>3</sup>.

156

Jorge Amado, que já escreveu um “ABC de Castro Alves”, nos deu agora uma peça de teatro, “O Amor de Castro Alves”. Infelizmente a peça não foi ainda representada nem sabemos quando será. O romancista de Terras do Sem Fim, cuja sensibilidade se aproxima muito de Castro Alves, tendo como este uma extraordinária força lírica, com que enriquece a sua poderosa imaginação de romancista, pôde vencer muitas dificuldades na elaboração da peça e nos ofereceu um drama que convence pela sua intensidade, pela intenção social, pela emoção com que soube o autor interpretar, teatralmente, lances e episódios da vida do poeta. É uma peça para grande público, para ser representada como um grande comício, tal é a sua vibração dramática e sua vigorosa simplicidade. (JURANDIR, 1947)

Para Dalcídio Jurandir, Jorge Amado se caracteriza basicamente pela força lírica, pela imaginação, pela intenção social, pela emoção: qualidades de um romancista que sabe se aproximar e falar ao povo, que sabe fazer de sua arte um acontecimento tal, como se fosse um comício. A aproximação, positiva, entre a literatura e a política é patente no texto de Jurandir. O romancista paraense, ao estabelecer um paralelo entre o

<sup>3</sup> Escrita em 1944, mas lançada apenas em 1947, com o título modificado para *O Amor do Soldado*.



romancista e o poeta, permite que se veja em Jorge Amado uma figura que, assim como Castro Alves, “[...] não temia misturar a sua voz entre as vozes de um comício, soltou discursos poéticos, acompanhou o ‘vôo ousado’ [...] e saudou o futuro [...]” (JURANDIR, 1947).

Não apenas o gesto progressista de Jorge Amado seria passível de aproximação com a postura de Castro Alves. O modo de composição dos dois autores também se aproximaria naquela espontaneidade, naquele “fogo bruto” (JURANDIR, 1947), que, transbordante de força lírica, não teria no aspecto formal o centro de suas preocupações. Tratando dos eventos do centenário de nascimento de Castro Alves, Jurandir atenta para certa desvalorização do poeta romântico pelos poetas de 40, acusados, pelo paraense, de supervalorizarem a forma poética, sintoma do “desespero” e da vontade de “esoterismo” que surgem como reação defensiva à arte que demanda a participação popular.

Em vez de uma compreensão mais justa do autor de “Espumas Flutuantes” que o colocasse no seu tempo, na história literária, indicando desta maneira o que ele representa em nossa jovem literatura [...] houve má vontade evidente como também a tentativa de um julgamento demasiado severo e até certo ponto negativo do exuberante cantor de Navio Negroiro. Um julgamento formal, como se fosse possível criticar Castro Alves dentro de um conceito de poesia agora dominante entre nós, sobretudo quando esse conceito reflete, em seus aspectos fundamentais, uma concepção desesperada da vida, um requinte de forma, um esoterismo [...] Aquela irregularidade, aquele fogo bruto, aquela tumultuosa irresponsabilidade de forma e de imagens que enche os versos de Castro Alves chocam decerto alguns leitores de Valery [...]. Alguns críticos andam assustados, pelo menos reservados, ante a deslocação das fronteiras da literatura para o meio do povo. Ver um poeta no meio da rua é para eles um absurdo e uma incongruência se aplaudido pelo povo. (JURANDIR, 1947)

Vimos anteriormente como Jorge Amado fora denunciado, nos termos de Sergio Buarque de Holanda, como um simples romântico, anarquista e sentimental, um romancista que teria valor menor por causa da “facilidade” de suas composições, apegadas a determinados temas, situações e tipos, tingidas de um colorido feliz e apelativo, descuidosas do árduo trabalho formal digno do artista sério e submetidas à intenção política. Dalcídio Jurandir tematiza, ao trazer Castro Alves como alvo de crítica de poetas “puristas”, a situação do escritor que aproxima sua arte das questões da vida social e popular, como seria o caso de Jorge Amado, atacado por certo grupo de críticos que exigiam da arte a transcendência dos assuntos imediatos para esferas mais



“elevadas” da existência humana. Jorge Amado seria, assim, na leitura de Dalcídio Jurandir, herdeiro de Castro Alves: um romancista no meio do povo e, por isso, visto de soslaio e com desconfiança pela crítica.

Se parece forçado perseguirmos aqui a compreensão de Dalcídio Jurandir sobre a figura de Jorge Amado tendo por base a imagem de Castro Alves, cabe então uma rápida digressão para buscarmos em outro texto a confirmação de nossa leitura. Reportar-nos-emos para o ano de 1954, para o artigo de crítica *Romance, realidade e história*, publicado em *Imprensa Popular*, outro periódico de orientação comunista, no qual Dalcídio Jurandir ocupa-se de *Os Subterrâneos da Liberdade*, lançados naquele ano. Em suas considerações, o romancista de *Chove nos Campos de Cachoeira* confirma sua compreensão de Jorge Amado como um extraordinário romancista, cujas qualidades principais são a espontaneidade e o ímpeto criativo, que, por vezes, passariam ao largo de questões formais:

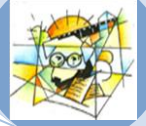
Aqueles leitores, por exemplo, que desejam ver em Jorge Amado o prosador da mesma família de Graciliano Ramos, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz ou Camilo enganam-se e isso constitui uma base falsa na apreciação de sua obra. Creio mesmo que Jorge Amado é o mais bem dotado dos romancistas brasileiros nestes últimos tempos. Terá ele um “estilo literário”? Não. Observa uma “técnica” de romance à altura da herança vinda de um Flaubert, de um Tolstoi, ou de Eça e Graciliano Ramos? Acho que também não. Em que reside a força do romancista de “Terras do sem fim”? No seu poder de narração, na exuberância inventiva, na espontaneidade do levantar audaciosamente atmosferas, cenas, capítulos líricos, como se fosse um daqueles mestres [...] do sertão, um trovador que não se detém numa rima pobre ou num ritmo inseguro para continuar a cantar e a narrar aos galopes, não querendo respirar porque teme perder o fio da narrativa e o gosto do canto. (JURANDIR, 1954)

158

Nesse mesmo artigo, Dalcídio Jurandir volta a aproximar Jorge Amado do romantismo, apesar de já não se reportar diretamente a Castro Alves. Jorge Amado, no texto de 1954, partilharia com o romantismo tanto a força imaginativa que demonstra em seus romances, quanto a capacidade e a intenção de estimular a vontade de lutar contra as injustiças, vontade fundamental na luta do comunismo contra as crueldades desumanas do sistema capitalista.

Nesse sentido, e retornando agora à segunda metade dos anos 40, podemos, com base nas posições dos críticos e intelectuais levantadas, sintetizar do seguinte modo as





avaliações em torno de Jorge Amado. De um lado, a crítica ao que seria a decadência de uma arte engajada que conheceu seu ápice em 30, mas que, ao adentrar a nova década, teria dado mostras de exaustão – Amado, nesse caso, seria ilustrativo do processo de superação de um modelo em nome de novas demandas e interesses, sendo ele mesmo o modelo a ser superado; esses novos interesses se revestem, na esfera estética, de uma exigência de que a arte tivesse um apelo mais universal, representando dramas humanos em um nível que transcendesse o jogo político na pauta do dia, e de que voltasse a demonstrar um maior apuro no nível da construção formal – essas exigências são tomadas como medidas na avaliação da obra de Jorge Amado e acabam por condená-la, acusando-a de manter-se instrumentalizada para fins políticos e de resolver-se em facilidades apelativas e descuidosas do trabalho da forma. Por outro viés, tem-se uma valorização da obra de Jorge Amado, por sua abertura às questões urgentes do mundo e por sua tomada de posição ética diante dessas questões; valoriza-se o apelo popular e espontâneo da obra amadiana, entendendo-se que esse apelo não se detém em aspectos formais por ter em vista uma finalidade mais nobre, a qual, em última análise, justificaria certos “descuidos”. Eis aí delineado um quadro em que se opõem os polos da “crítica dos defeitos” e da “crítica das belezas”, as quais, contrapondo interpretações diversas da obra literária, revelam-se como elementos integrados a uma conjuntura política e social que engloba e clarifica o sentido material da posição dos intelectuais e dos suportes que dela participam.

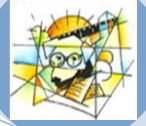
159

O suplemento *Arte Literatura*, que veiculou os textos de Wilson Martins e Sergio Buarque de Holanda no estado do Pará, era um encarte idealizado pelo jovem Haroldo Maranhão<sup>4</sup> e que compunha o jornal *Folha do Norte*, à época dirigido por Paulo Maranhão, avô de Haroldo. O jornal era tradicional no meio intelectual do Pará, tendo iniciado suas atividades ainda em fins do século XIX<sup>5</sup>. No século XX, manter-se-á aliado da política getulista, tanto na década de 30, quanto nos anos de 40, com os governadores locais correligionários da base conservadora: Moura Carvalho, por exemplo, governador do Pará nos anos de 1947, filiava-se ao Partido Social Democrático, o mesmo do presidente Eurico Gaspar Dutra, o qual governou o país de 1946 a 1951 e que teve o apoio de Getúlio Vargas em sua campanha, com a coligação

---

<sup>4</sup> Haroldo Maranhão (1927-2004) publicou, entre outros títulos, *O Tetranelo del Rey* (1982), *Os Anões* (1983), *Rio de Raivas* (1987) e *Miguel, Miguel* (1994).

<sup>5</sup> Sobre a relação entre o *Folha do Norte* e o contexto político do estado do Pará, cf. MEDINA (2010) e SILVA (2011).



do PTB e do PSD.

Já o *Literatura* surge no ano de 1947, ligado ao Partido Comunista Brasileiro e dirigido por uma das mais importantes figuras da intelectualidade de esquerda do Brasil, Astrojildo Pereira. A revista participa do momento crítico em que o Partido Comunista via suas possibilidades de ação cerceadas pelo governo Dutra, que decretaria seu retorno à ilegalidade naquele mesmo ano de 1947, cassando o mandato dos políticos comunistas – dentre os quais, Jorge Amado, então deputado federal.

Situados, então, em uma determinada posição nessa rede de relações políticas, os dois suportes necessitam traçar estratégias de ação considerando previamente essas relações e suas possibilidades de movimentação, no que está em jogo sua própria condição de possibilidade (o *Folha do Norte* não veicularia elogios a um escritor comunista, sob pena de ver atraída sobre si a má-vontade da base que sustenta seu prestígio; o *Literatura* não criticaria aquele que pode propagandear os ideais comunistas em meio à massa de leitores).

Portanto, os jornais que veiculam as críticas marcam, utilizando-as, uma tomada de posição diante da configuração social da época, explicitada, na esfera estética, pela seleção que realizam dos aspectos a serem ressaltados e avaliados na obra de Jorge Amado. Assim, é possível interpretar esse gesto um tempo político e estético tendo em vista a dinâmica do posicionamento social tal como trabalhada por Pierre Bourdieu, para o qual as ações do sujeito dependem de uma avaliação de conjuntura que lhe permita uma representação dessa conjuntura e da possibilidade, ou impossibilidade, de determinadas estratégias:

Tal representação semiconsciente constitui também uma das mediações através das quais se elabora, por referência, a representação social das tomadas de posição possíveis, prováveis ou impossíveis (ou, caso se prefira, toleradas, recomendadas ou proibidas) com que se defrontam os ocupantes de cada classe de posições, o sistema das estratégias mais inconscientes que conscientes e típicas dos agentes que pertencem a essa classe e, em particular, o sistema das aspirações e das ambições legítimas para os ocupantes desta classe de posições. (BOURDIEU, 1992, p. 154)

Traçando estratégias que respondam a determinadas ambições, o *Folha do Norte*, grande e prestigiado meio de comunicação, preocupa-se, quando não muito, com as condições de sua própria viabilidade, ou seja, em manter o prestígio de que goza e evitar maiores indisposições frente à autoridade constituída, a qual dispunha de plenos



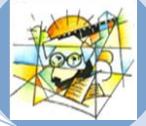
poderes de censura. A revista *Literatura* aparece como elemento de um gesto estratégico do Partido Comunista que, vendo limitadas as vias legais de atuação junto ao aparelho do Estado, inicia uma forte movimentação pelas vias culturais, incentivando periódicos e publicações através das quais possa manter e expandir o contato com seus membros e com a população em geral (OLIVEIRA, 1996).

Buscando a manutenção de seu *status*, o suplemento *Arte Literatura*, do jornal *Folha do Norte*, deveria restringir suas opiniões a determinados assuntos e, de modo mais sutil, a determinados modos de abordar esses assuntos – o que se manifesta na crítica dos defeitos de Jorge Amado e em seu expurgo da “grande arte”; por outro lado, a revista *Literatura* buscava valorizar, por meio da figura de Amado, a imagem do intelectual e do artista empenhados na luta política, valorizando também, desse modo, a posição e a visão de mundo do grupo que sustentava tal empreitada, ou seja, todos aqueles ligados ao PCB e que se viam, àquela altura, novamente perseguidos por uma campanha de desqualificação.

### 3. Considerações finais

Com o famoso prefácio de *Cacau*, Jorge Amado se lança no centro de um debate intenso sobre a relação entre literatura e política que concentrará a atenção de grande parte dos intelectuais dos anos 30. Sua atividade literária torna-se indissociável de sua militância política: a partir de então, e por um bom tempo, seu nome será praticamente sinônimo do escritor empenhado com a luta proletária liderada pelo Partido Comunista Brasileiro. No entanto, no decorrer dos anos 40, é possível identificar um recrudescimento da “crítica dos defeitos”, que vê na figura de Jorge Amado um exemplo do tipo de comprometimento que a arte, se se quer grande, não deveria assumir: o compromisso com imperativos políticos e partidários que delineiem diretrizes a serem seguidas. Porém, é igualmente possível observar o movimento oposto, o de valorização da figura de Jorge Amado em uma “crítica das belezas” que o alça a modelo de escritor, artista e intelectual comprometido eticamente com as forças progressistas de luta contra um sistema desumano de exploração.

Este trabalho procurou aventar a possibilidade de que a diversidade dos juízos estéticos se basearia na diversidade das posições tomadas na configuração da vida



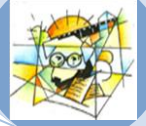
social, considerando que determinada posição se define a partir de certa avaliação daquela configuração e, partindo disso, traz consigo um conjunto de estratégias que atendam aos interesses e ambições dos grupos em questão. Não se deve deixar de considerar, é claro, a situação política global do mundo pós-Segunda Guerra, com o arrefecimento da luta antifascista, o que influenciou a avaliação de uma parcela dos intelectuais e os conduziu à defesa de um maior desprendimento da arte para com a movimentação política imediata; no entanto, pudemos notar como o jogo de interesses políticos veio exercer sua influência na construção de uma imagem do romancista baiano: o jornal *Folha do Norte*, comprometido com a autoridade constituída que lhe permitia a existência enquanto meio de comunicação privilegiado, buscou, por meio do suplemento *Arte Literatura*, que veiculou os textos de Wilson Martins e Sérgio Buarque de Holanda, ressaltar o maior defeito de Jorge Amado: a militância política, marcando, assim, sua oposição à ação comunista em geral e seu alinhamento com o quadro conservador do governo; os periódicos ligados ao PCB, como a revista *Literatura*, por sua vez, integrados no esforço de consolidar a atividade do Partido no *front* cultural, construíram a imagem de Jorge Amado como o modelo de homem eticamente comprometido com o progresso das condições de existência dos desvalidos, o que reforçava, também, o ideal do próprio comunismo e de seus militantes. Desse modo, foi possível refletir acerca das relações entre política e estética, no sentido de que o juízo de valor artístico pôde ser compreendido enquanto gesto cujo sentido se integra ao contexto político e social de determinada época.

**Abstract:** This article presents reflections on the relation between esthetical appreciation, artistic evaluation and political life, having as object some critical considerations made in the years of 1940 about the Jorge Amado's work and the political position of the journals that published them.

**Key-words:** Jorge Amado; literary Criticism; Literature and Politics; *Arte Literatura*; *Literatura* magazine.

### Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo:



Perspectiva, 1992.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora Unicamp, 2006.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro; São Paulo: 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Três romances. *Suplemento Arte Literatura*. Belém. n. 104, 1948.

JURANDIR, Dalcídio. Notícias do centenário de Castro Alves. *Literatura*. Rio de Janeiro, 1947.

\_\_\_\_\_. Romance, realidade e história. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 1954.

MARTINS, Wilson. Crise no romance brasileiro. *Suplemento Arte Literatura*. Belém. n. 38, p.1, 1947.

MEDINA, Maria Juliana. *Três faces de Haroldo Maranhão: o leitor, o jornalista, o escritor*. Belém, UFPA, 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2010.

OLIVEIRA, Ilka Maria de. *A literatura na revolução – contribuições literárias de Astrojildo Pereira e Alina Paim para uma política cultural do PCB nos anos 50*. Campinas, UNICAMP, 1998. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *A Leitora e seus Personagens: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943) e em livros*. Rio de Janeiro: Graphia, 2005. p. 141-142.

SILVA, W.R.P. A crítica do romance: o debate em torno das tendências literárias da década de 40. *Anais do VIII SEPA – Seminário de Pesquisa em Andamento*. (meio digital). Belém: 2011.

**Texto recebido para análise em julho de 2012**  
**Aprovado em abril de 2013**